

## Archive for the 'Uvas' category

# NOVAS ALTERNATIVAS DE CULTIVO PARA A METADE SUL DO RIO GRANDE DO SUL: uvas de mesa e de suco

December 1st, 2009

**Jair Costa Nachtigal**

Engenheiro Agrônomo, pesquisador da Embrapa Clima Temperado, BR 392, km 78, C.P. 403, CEP 96001-970, Pelotas, RS

Segundo dados do IBGE, o Brasil possui cerca de 90.000 hectares ocupados com videiras, sendo os principais Estados produtores o Rio Grande do Sul (48.474 ha), São Paulo (18.772 ha), Pernambuco (7.137 ha) e Paraná (5.700 ha). No Rio Grande do Sul, praticamente 90% das videiras plantadas são destinadas ao processamento na forma de vinhos, sucos e outros derivados.

Apesar do aumento no interesse pelo plantio de uvas viníferas, principalmente na década de 90, as uvas comuns (*Vitis labrusca* e híbridas) representam a maioria absoluta da área cultivada no Rio Grande do Sul, representando cerca de 85% do vinho produzido no Estado.

Além da Serra Gaúcha, principal região produtora, a viticultura tem tido um interesse crescente em outras regiões do Rio Grande do Sul, principalmente na Campanha e na Serra do Sudeste, que apresentam verões menos chuvosos e relevo menos acidentado, condições bastante favoráveis para o cultivo de videira. A disponibilidade e o valor das terras e da mão-de-obra são, também, atrativos para investimentos em videiras nestas regiões, o que tem atraído o interesse de grandes e médias empresas vitivinícolas, a maioria delas com sede na Serra Gaúcha, para investir na Metade Sul do Rio Grande do Sul. A prioridade é o plantio de uvas finas (*Vitis vinifera*), como Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot e Chardonnay, cujas áreas já ultrapassam os 1200 hectares.

A Metade Sul do RS tem condições de explorar outro mercado bastante promissor que é o das uvas comuns, tanto para processamento (vinho, suco e doces) quanto para mesa. As uvas comuns, também conhecidas como uvas rústicas, são aquelas pertencentes à espécie *Vitis labrusca* e híbridas (cruzamento de *V. labrusca* com outras espécies). Dentre as principais cultivares de uvas comuns com potencial de exploração na Metade Sul, pode-se destacar as tintas Bordô, BRS Rúbea, Isabel, Isabel Precoce, BRS Violeta, BRS Margot, BRS Carmem, Concord e Concord Clone 30; a Niágara Branca e a Niágara Rosada. Boa parte destas cultivares pode ser utilizada para processamento na forma de vinho e suco, bem como para consumo "in natura".

De um modo geral, as uvas comuns apresentam algumas características que potencializam a exploração em pequenas propriedades, proporcionando, em alguns casos, maiores retornos econômicos do que as cultivares de uvas finas.

Em termos de clima e de solo, as uvas comuns são iguais ou menos exigentes do que as uvas viníferas. De qualquer forma, pelas características da maioria das regiões do Rio Grande do Sul, pode-se afirmar que as uvas americanas podem ser produzidas sem maiores dificuldades. Um dos fatores que deve ser levado em consideração é o prolongado período de estagem que tem ocorrido nos últimos anos em algumas regiões, o que pode causar dificuldades principalmente na formação das videiras. Para estas regiões, recomenda-se a instalação de sistemas de irrigação nos primeiros anos do cultivo.

Considerando uma mesma condição climática, as uvas comuns são mais fáceis de serem produzidas do que as uvas finas, em virtude da menor suscetibilidade às doenças fúngicas da videira (míldio, oídio e antracnose) e da menor necessidade de manejo do dossel vegetativo. A redução do número de aplicações com agrotóxicos para controle de doenças e a menor exigência em mão-de-obra para manejo das plantas faz com que as uvas comuns tenham um menor custo de produção.

As uvas finas restringem a produção ao mercado de vinhos finos, enquanto as uvas americanas e híbridas podem ser utilizadas para produção de vinhos de mesa, de sucos e de doces. Além disso, alguns desses produtos podem ser comercializados pelos programas governamentais, para merenda escolar e creches.

No caso das uvas finas para mesa, a produção de uvas com qualidade elevada no Estado do Rio Grande do Sul somente é possível com a utilização da cobertura das parreiras com plástico e com o uso da irrigação localizada, o que aumenta muito os custos de produção e requer um conhecimento técnico bastante elevado para manejo das plantas e das doenças. Dessa forma, embora as uvas finas sejam uma boa opção de cultivo para alguns produtores, deve-se tomar muito cuidado com a sua implantação, principalmente para os que não tenham experiência com a produção destas cultivares (Italia, Rubi, Bentaka, Brasil e as uvas sem sementes).

Pelo exposto, pode-se verificar que as uvas comuns (americanas e híbridas) podem constituir em alternativa importante ao processo de geração de renda e agregação de valor aos produtores, principalmente para a agricultura familiar da Metade Sul do Rio Grande do Sul. Entretanto, por ser uma atividade que requer um investimento relativamente alto comparado com aquele das culturas atuais, e mesmo com

outras espécies frutíferas, recomenda-se cautela na implantação de novas áreas, devendo-se fazer uma boa análise do mercado comprador, a fim de definir o tipo de produto adequado, a quantidade a ser comercializada, a época mais adequada, dentre outros fatores. Outra recomendação é iniciar pelas uvas comuns para processamento, que são mais fáceis de produzir e têm um custo de implantação e produção mais baixos do que as uvas comuns para mesa, que por sua vez são mais fáceis de produzir do que as uvas finas para vinho e, por último, as uvas finas para mesa, que são as mais difíceis de produzir e apresentam custo de produção mais elevado. O tamanho da área a ser implantada deve ser de acordo com os recursos disponíveis (financeiro, mão de obra, infra estrutura, mercado, outros).

Posted in [Artigos](#), [Uvas](#)

[No comments »](#)

Tags: [Palestra realizada no VIII Forum de Fruticultura](#)